

Guitar Class - Vamos começar falando da sua formação?

Rogério - Eu comecei a aprender violão clássico em 1980, quando tinha 12 anos. Eu ia à casa da minha tia, que tinha um violão Tonante bem podre (risos), e lá eu ficava brincando com ele, mas não existia um “botão de ignição” que você aperta e sai tocando, sabe? Isso mudou quando o John Lennon morreu, no mesmo ano. Depois de um tempo, percebi que tinha facilidade para tirar músicas de ouvido - eu tirava todas as músicas dos Beatles -, e nessa época percebi que queria ser músico. Aos 16 anos fui ter aulas com o Marcus Rampazzo, e com ele aprendi muitas coisas sobre guitarra. Nessa época, comecei a tocar em barzinhos e a viver o clima da noite.

Guitar Class - Que lições você aprendeu tocando na noite?

Rogério - É incrível como na noite há muitos músicos bons, que você não acredita como ninguém conhece o cara e, muitas vezes, ele próprio nem sabe o quanto toca. Uma vez um rapaz apareceu pra tocar com a gente; ele não ensaiou nenhuma vez e tocou muito. Eu perguntei: “mas como você consegue?” Foi nesse dia que comecei a me interessar mais por isso, e vi que nas boates o cara te dá o tom e você tem que se virar, ir atrás do músico mais experiente. Na noite você aprende na marra, pois não tem tempo de ser acadêmico. É uma lógica estranha que você põe dentro da sua cabeça, vendo que determinado acorde ou desenho combina com outro, etc. Não é sempre que você acerta, mas depois, de tanto tirar música, seu ouvido acaba se acostumando, e você passa a errar menos. É uma forma diferente de aprendizado, você desenvolve muito a intuição. Grandes nomes como Faíska, Wander Taffo e outros começaram na noite.

Guitar Class - E você trabalhava com outra coisa?

Rogério - Nessa época eu era bancário, mas era um péssimo funcionário (risos). Dava aulas e tocava na noite. Em 1990, comecei a viver só de música, mas

sempre tive um bloqueio. Eu morria de medo que aparecesse um cara melhor do que eu, mas minha esposa me incentivou muito. Então mandei fazer uma faixa e coloquei na porta da minha casa, usando a foto do disco *Guitar Shop*, do Jeff Beck, com o anúncio de aulas. Aí conheci o Mauro, irmão do Michel Leme, e entrei na banda Santo Angellu's fazendo bailes de formatura. Em 1992 entrei na banda Paiol, e o Michel Leme me substituiu no Santo Angellu's. Essa foi uma época de grande aprendizado, pois aprendi a tocar com naipe de metais, quatro cantores, etc. E a responsa-



Jota Santana

bilidade foi aumentando, pois muitas vezes abrimos shows para artistas famosos, como Marina, Claudia Raia, Agnaldo Rayol e outros. Depois, em 1997, montei uma banda de baile chamada Fama, que durou um ano.

Guitar Class - Quanto era a média de cachê por show?

Rogério - Eles pagavam a tabela mínima da Ordem dos Músicos, que, nos valores atuais, seria uma média de R\$ 250,00 por show. A gente ensaiava todas as quartas. Mas os ensaios não eram pagos.

Guitar Class - E era necessário sa-

ber ler música?

Rogério - Tinha de saber ler muita cifra e partitura também. Tinha até uma piada que o pessoal do Paiol contava, que era “Quando você quiser fazer um pianista parar de tocar, tire a partitura, e quando quiser fazer um guitarrista parar de tocar, coloque uma partitura”. Na noite, ler partitura é bater o olho e ler, não tem aquele negócio de “vou levar pra estudar em casa” (risos). O pessoal dos metais ajudou muito a melhorar minha leitura. Além disso, tocando em bandas de baile, você aprende a gostar de outros estilos musicais, como bolero, valsa. Antigamente, eu pensava que se eu tirasse um solo do Ritchie Blackmore, estava bom. Hoje eu vejo que não é bem assim que funciona.

Guitar Class - Conte-nos como começou a mexer com transcrições.

Rogério - Existia uma revista chamada *Toque Fácil*, e o Michel Leme escrevia nessa revista. Um dos responsáveis pela publicação, o Angelo, montou a Editora Jazz, junto com o Marcio. Eles chamaram o Michel Leme e acabaram lançando a revista *Cover Guitarra*. Isso foi em 1993. Só que nessa época o Michel estava a começando a entrar na praia do jazz e pensando em parar com as transcrições. Como ele freqüentava a minha casa, ele viu que nas minhas aulas eu tinha o hábito de escrever a partitura e a tablatura embaixo, como na revista, e foi aí que ele me chamou para trabalhar lá. Eu entrei na *Cover* nº 2. Na verdade, posso ser considerado o segundo transcripeter do Brasil (risos).

Guitar Class - E como você escrevia? Usava algum software específico?

Rogério - Logo que entrei, percebi que a loucura estava apenas começando (risos). Eu escrevia tudo à mão, e o Marcio, dono da revista, fazia tudo no Corel Draw. Ele ficava doente, pois naquela época, ninguém tinha programa de música. Pra você ter uma idéia, só depois de 20 meses eles começaram a usar programas de computador. Mas não era eu que usava. Eles pagavam um cara, que nem era músico, pra copiar o que eu tinha escrito.

Guitar Class - Existia algum tipo

de revisão?

Rogério - De jeito nenhum! Muitas vezes era publicado com erro mesmo, pois não havia tempo. Até a edição nº 20, eu fazia sozinho todas as transcrições, então era impossível revisar. Eu me lembro que em 1995 eles me deram um computador com o programa Encore 3.0. Era um IBM 386, de última geração (risos). Era um sofrimento, pois eu fazia tudo sozinho, e o tamanho das partituras era muito pequeno, não tinha o recurso de lupa, que aumenta o pentagrama. Eu tinha de ficar com os olhos colados no monitor, e acabei tendo sérios problemas com a minha vista.

Guitar Class - E como eles te pagavam?

Rogério - Na verdade, eles pagavam por um “pacote de serviços”, pois não tinham muita grana pra investir. Depois de um tempo, eles passaram a não pagar mais, trabalhando em troca de anúncio, ou seja, com a idéia de “trabalhar na imagem”. A partir de 1996, quando o Valmyr Tavares e o Marcio Okayama entraram, eu me senti um pouco mais aliviado, e com menos pressão.

Guitar Class - Como você tirava as músicas?

Rogério - Eu tirava tudo de ouvido, pois na época não existia nenhum recurso tecnológico que permitisse diminuir o andamento da música, sem mudar a afi-

nação. Então eu fazia o seguinte: quando a música tinha um trecho muito difícil e rápido, eu gravava num cassete o mesmo trecho 20 vezes, e ficava ouvindo, até meus ouvidos acostumarem. É incrível como isso funciona, pois seu cérebro acaba assimilando melhor. Quando dava, eu conferia no songbook, mas muitas vezes o próprio book estava errado, então eu sempre acabava recorrendo aos meus ouvidos mesmo. Muitas vezes acontecia de você tirar a música da forma certa, e na hora de passar para o computador, acabava escrevendo errado. Eu não tinha como revisar, pois quando terminava uma, já estava começando outra.

Guitar Class - Mas ninguém chegou a reclamar?

Rogério - Às vezes eu recebia ligações de pessoas reclamando que eu tinha esquecido de colocar alguns detalhes. Uma vez um cara ligou reclamando, mas fiz questão que ele viesse aqui para eu corrigir o erro, e no final ele acabou virando meu aluno. Não adianta você querer ser “gostoso”, pois quem é transcripeter sabe. Vai fazer pra você ver! Músico tem muito esse negócio de vaidade, do tipo “o cara tirou errado”. Eu me lembro que ficava muito estressado, com medo de escrever coisas erradas, etc. Mas no Brasil, se não fosse pra começar desse jeito, não ia começar nunca.

Guitar Class - E que conclusão você tirou de tudo isso?

Rogério - Apesar de todos os problemas, fiz com muito amor, pois eu sempre lia as revistas americanas, e queria que no Brasil também existisse uma revista assim. Eu não gosto de me gabar com frases do tipo “eu comecei...”. Às vezes passam-se 30 anos e você não fez nada de novo, e ainda está no “eu comecei...”. Mas fico muito feliz por ter contribuído de alguma forma.

Guitar Class - E atualmente, o que você está fazendo?

Rogério - Estou dando aulas, tocando e fazendo workshops. Recentemente, fiz um Workshop Salmos, dos músicos cristãos.

Guitar Class - Qual é o seu recado final para os leitores da Guitar Class?

Rogério - As três coisas mais importantes são: colocar Deus em primeiro lugar, lutar por seus objetivos e sempre ouvir músicos mais experientes. Outro problema muito comum em guitarristas é que eles só pensam em guitarra, e param de viver. Às vezes você não consegue falar com um guitarrista, porque ele não tem assunto, é sempre aquela bitolação. É importante ter um tempo pra entregar a Deus, um tempo para visitar um parente doente e para lembrar dos amigos. Isso é tão importante quanto tocar guitarra. ☺

Guitar Standard

Autor: Herman Hupfeld
Arranjo: Rogério Scarton

As Time Goes By /TEMA

Transcrição: Kleber K. Shima

As Time Goes By é um standard consagrado e gravado por quase todos os cantores americanos. Ficou conhecido principalmente por causa do filme *Casablanca*, de 1942, estrelado por Humphrey Bogart, e que tem uma

das frases mais famosas do cinema: “Play it again, Sam”, ou “Toque de novo, Sam”. A música em questão era justamente *As Time Goes Bye*, que, na verdade, foi composta em 1931 para um musical da Broadway, por um

compositor chamado Herman Hupfeld, falecido em 1951. Como o musical não fez sucesso, os produtores aproveitaram para utilizar a música no filme, e, a partir daí, ela ficou conhecida mundialmente.

As Time Goes By /IMPROVISO

Falando do aspecto rítmico, o improviso explora as colcheias, tercinas e semicolcheias, utilizando as pausas dessas figuras, principalmente na tercina. Lembre-se de que a colcheia

deve ser tercinada, da mesma maneira que foi no tema. É o famoso “tocar com swing”. É recomendável usar a palheta alternada nas frases e nos arpejos que aparecem no improviso e

usar o polegar nos compassos 8 e 9, nas notas oitavadas, estilo Wes Montgomery. Além das escalas dos acordes, foram utilizados no improviso os arpejos sobrepostos.

As Time Goes By /WALKING

No walking bass foram utilizadas notas de aproximação cromática, notas da escala do acorde e notas das tétrades dos acordes. Nos contratempos do primeiro

e terceiro tempos, foram colocados acordes, com exceção dos compassos 11 e 19, em que a linha do baixo predomina. No compasso 12, o acorde cai junto com

o baixo e o baixo vai para o contratempo no terceiro tempo. Tradicionalmente, o walking bass tem como células rítmicas a semínima e a colcheia tercinada.

As Time Goes By /CHORD MELODY

No arranjo de *As Time Goes By* para chord melody, além dos acordes que já aparecem na música, foram incluídas algumas substituições e preparações

que não se encontravam na harmonia do tema. No compasso 1, Bdim entra como uma preparação para o acorde de Fm7; no compasso 2, B7 é SubV7 de Bb7; no

compasso 7, E7(9) é SubV7 de Ebmaj7. Note as inversões que foram utilizadas para encaixar a melodia nos acordes, e tente analisar cada inversão.